

700909

**BIBLIOTECA
UNEMAT**
Campus Universitário do Pontal e Lacerda-MT

RG N.º 14074
Data 14 / 09 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta

Biblioteca - Unemat - PLA



00014074

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA ESTADUAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**“Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”: um diálogo comparativo
entre Mia Couto e Guimarães Rosa.**

Talissa Chaves Oliveira

Pontes e Lacerda-MT
2009/1

82-34
048n
ex.04

Talissa Chaves Oliveira

**“Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”: um diálogo comparativo
entre Mia Couto e Guimarães Rosa**

Ensaio Monográfico apresentado ao
Departamento de Letras (DL) da
Universidade do Estado de Mato
Grosso – *Campus* Universitário de
Pontes e Lacerda, como requisito
parcial para obtenção do título de
graduação em Letras.

Orientadora: Prof. Dr^a. Marinei Almeida

Pontes e Lacerda – MT
2009/1

O presente trabalho foi avaliado perante a seguinte banca:

Prof. Dr^a. Marinei Almeida
Orientadora – Campus de Pontes e Lacerda – MT

Prof. Ms. José Pereira
Campus de Pontes e Lacerda - MT

Prof. Dr^a. Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Campus de Cáceres - MT

“O escritor é um ser que deve estar aberto a viajar por outras experiências, outras culturas, outras vidas. Deve estar disponível para se negar a si mesmo. Porque só assim ele viaja entre identidades. E é isso que um escritor é – um viajante de identidades, um contrabandista de almas. Não há escritor que não partilhe dessa condição: uma criatura de fronteira, alguém que vive junto à janela, essa janela que se abre para os territórios da interioridade.”

Mia Couto

“Para Guimarães Rosa, linguagem e vida são uma só e mesma coisa. A literatura, arte da linguagem, brota da vida e não pode jamais separar-se dela. Uma pessoa que não faz da linguagem um espelho do seu próprio ser não chega a existir, e o escritor, mais do que ninguém, deve estar ciente disto. Sua relação com a linguagem é um compromisso de coração.”

Eduardo F. Coutinho

Ao meu esposo Samuel, pelo amor
e companheirismo em todos estes
anos de curso. Aos meus pais
Manoel e Dazinha, irmãos Larissa e
Filipe, pela força e orações.

Agradeço a professora Dr^a. Marinei pelo apoio e paciência, com os quais me auxiliou inteiramente. Pela compreensão e suporte de minha família. E ao meu Deus que me sustentou a todo o momento dando forças para lutar.

RESUMO

A proposta deste trabalho é a de analisar os contos "Nas águas do tempo", encontrado na obra "Estórias abensonhadas" e publicada no ano de 2003, de Mia Couto e "A terceira margem do rio", este encontrado na obra "Primeiras Estórias" do ano de 2001, de Guimarães Rosa, e compreender como funcionam as vozes e os espaços a partir de uma maneira criativa que estes escritores produzem suas narrativas. Vemos que ambos voltam seus olhares à modernidade, propondo, assim, um diálogo entre Moçambique e Brasil. Dessa forma, analisaremos a inter-relação dos autores Mia Couto e Guimarães Rosa nos contos já citados e abordaremos criticamente como as vozes narradoras se impõem no desenrolar das narrativas, bem como, analisar os espaços onde decorrem as estórias com o objetivo de apontar a forma como os escritores penetram no tecido de uma linguagem criativa e desenvolvem as estórias. Nestes contos, de Couto e Rosa, analisaremos também o processo de escrita que tem como um dos propósitos levantar questionamentos sobre a "realidade humana", através da ficção. Dessa maneira, levantaremos a luz de alguns teóricos e pesquisadores, como Vera Maquêa, Marli Fantini, Rita Chaves, Tânia Macedo, Walter Benjamin, Antonio Candido e Eduardo Coutinho, o procedimento estético dos autores Mia Couto e Guimarães Rosa nos contos citados e como se dá o entrelaçamento entre eles.

Palavras-chave: Guimarães Rosa, Mia Couto, vozes, espaços.

SUMÁRIO

Introdução	09
I – Algumas palavras contextuais	10
II – “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”: um diálogo comparativo entre Mía Couto e Guimarães Rosa.	15
Considerações finais	26
Bibliografia	27
Anexos	29

INTRODUÇÃO

A literatura é capaz de propor uma “realidade” diferente da qual estamos acostumados a enxergar. Ela pode tirar o sujeito de um lugar marcado e firmá-lo em outro lugar, muitas vezes, desconhecido.

Vemos que há um estreito relacionamento na narrativa de Mia Couto com a narrativa de Guimarães Rosa. Percebemos semelhanças, principalmente em seus contos “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”, pois em ambos são abordados movimentos da interioridade relacionados à concepção de vida, onde o homem caminha para “além” do rio e do tempo em busca de novas experiências.

O conto “A terceira margem do rio” nos traz a estória de um homem que foge de seu cotidiano abandonando seus deveres e sentimentos até então vividos e prefere estar só com sua canoa sobre as águas de um rio. O homem parte no seu silêncio sem demonstrar sentimento algum pela família que abandonara. O conto “Nas águas do tempo”, por sua vez, narra sobre um avô e seu neto que juntos em um barco remam “rio abaixo” em busca de aventura e “novidade de viver”, assim como, um encontro com os outros da outra margem.

Rosa cria sua própria linguagem e eleva o leitor a um universo desconhecido e encantado e proporciona ao mesmo uma leitura prazerosa de uma literatura que atravessa os tempos.

Couto, de forma semelhante, traduz os desejos da humanidade de seu tempo e a partir de elementos da oralidade utiliza um procedimento narrativo que deixa sugerido a realidade de Moçambique, mas também descreve o homem contemporâneo. E assim, nos fala de um tempo marcado por conflitos interiores.

Enfim, através de pesquisas e estudos realizados, apresentaremos um trabalho voltado à análise dos contos acima citados e, a partir do procedimento estético, discorrer sobre o diálogo subjacente nessas duas produções literárias de língua portuguesa, o que vem estreitar ainda mais os laços de identidade entre Brasil e Moçambique.

No capítulo I, apresentamos algumas palavras contextuais sobre Mia Couto e Guimarães Rosa e em que esses autores dialogam a partir de suas narrativas. Já no capítulo II, apresentamos uma análise dos contos, “Nas águas do tempo” do escritor moçambicano Mia Couto, publicado na obra “Estórias abensonhadas” em 2003 e “A terceira margem do rio”, do escritor brasileiro Guimarães Rosa, publicado na obra “Primeiras Estórias” no ano 2001. Para concluir este trabalho vamos expor ainda nossas considerações finais, seguem também as referências bibliográficas e os anexos em que constam os contos analisados e projeto.

I – Algumas palavras contextuais

1. Mia Couto

Desde jovem Mia Couto entendeu que deveria lutar por justiça, pela liberdade de Moçambique, e sonhar com uma nova sociedade em que os moçambicanos, “controlados” pela realidade colonial provinda da empreita colonialista portuguesa, fossem dignos de viverem “livres” em seu próprio país, com seus tão almejados direitos de se expressar, de trabalhar e serem reconhecidos pelo que fazem. Mia Couto e todos os demais moçambicanos sonhavam com o direito de viver dignamente.

Neste esperançoso objetivo, Mia Couto se encarregou de ser um membro da Frente de Libertação de Moçambique e com seus 19 anos esteve entre a multidão que festejava em 24 de Junho de 1975 a independência do cidadão moçambicano e de seu país, dia este em que nasciam sonhos e que pelo menos os moçambicanos puderam dizer “adeus” às guerras.

Apesar de todas essas realizações, Mia Couto observa e questiona o avanço do cidadão independente como provocador de verdadeiras mudanças em seu país. Muitos motivos podem ser levantados, um deles é a realidade capitalista mundial, em que países desenvolvidos vencem, mas os do chamado terceiro mundo apenas sobrevivem aos deveres enquanto nação. No texto “Moçambique – 30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor?” Mia Couto afirma, em uma conferência realizada em Deza Traverse Suíça em Junho de 2005, que:

A redução da soberania não é um processo que esteja atingindo especificamente Moçambique. É um processo generalizado. Todas nações são hoje menos nacionais, todo cidadão é menos dono de si mesmo. Uns dizem que, agora, somos todos mundo. Mas ninguém pode ser mundo se não tiver a sua pequena aldeia. (p. 194)

Assim, se a política globalizante atinge países com melhores condições estruturais, o que falar dos países de língua portuguesa da África, como Moçambique, por exemplo, que mal conseguem se sustentar em suas, ainda, mutiladas pernas, resultado dos vários e massacrantes anos de espoliação e castração da empreita colonialista.

Mia Couto, ainda questiona a respeito do nível de valorização do cidadão do país em sua própria maneira de pensar e questionar diante das situações que vive: “Mas a minha primeira grande questão seria como é que Moçambique está cooperando consigo mesmo? Como é que se promove o desenvolvimento a partir de dentro? Este debate tem que ser conduzido dentro de África.” (p. 203, grifos nossos). Dessa maneira, o escritor reclama uma

verdadeira independência que ainda não aconteceu desde 1975, mas que ainda espera vislumbrar e poder viver em seu país.

De certa maneira, essa voz que clama e que acredita em um amanhã melhor é a voz que encontramos também em sua produção literária. Assim, podemos dizer que há a presença da “terra”, das “raízes” na escrita de Mia Couto, mas isso não quer dizer que o autor descreve fatos históricos de seu país, mas através de invencionices convida o leitor a uma “viagem” rumo à descoberta de mistérios da alma e ao encontro com o outro. Neste sentido, Couto afirma numa entrevista que concedeu à Vera Maquêa:

(...) A viagem pra mim é fundamental, eu acho que o que os escritores querem captar é a viagem, no fundo. No caso de Moçambique, a viagem está no propósito de construir uma *identidade*, está na reinvenção da *cultura*. Estamos num país que está ainda muito desarrumado, não está completado e que está nessa situação de viagem... de busca. (p. 207)

Tal construção de identidade está ligada a essa “viagem” de busca que desconstrói a situação que se encontra cada indivíduo e a literatura ocupa esse lugar em que a “viagem” é possível.

Mia Couto nasceu em uma cidade chamada Beira, localizada bem próximo ao Oceano Índico e, ao olharmos para o conto “Nas águas do tempo” deste escritor, *corpus* da análise que apresentaremos no II capítulo, vemos que a água, lugar de constante trânsito, é o meio pelo qual o autor desencadeia todos os fatos, a *estória* acontece a partir da margem de um rio e finaliza a mesma numa margem, “do outro lado do mundo” (COUTO, 1994, p. 4). Assim, numa mistura entre tradição e modernidade, acontece uma viagem através da representação das palavras e idéias. Em sua escrita, Couto aborda questões presentes no interior do ser humano, enquanto indivíduo e cidadão do mundo. No texto “A fronteira da cultura”, Couto (2005) afirma que:

O nosso país fazia, afinal, o que fazemos na nossa vida quotidiana: inventamos monstros para nos desassossegarmos. Mas os monstros também servem para nos tranquilizar. Dá-nos sossego saber que eles moram fora de nós. De repente, o mundo mudou e somos forçados a procurar os nossos demónios dentro de casa. O inimigo, o pior dos inimigos sempre esteve dentro de nós. Descobrimos essa verdade tão simples e ficamos a sós com os nossos próprios fantasmas. (p. 22).

Assim, é por meio da procura de um retrato próprio em que cada cidadão possa ser ele mesmo e ao mesmo tempo conviver com o outro, que surge a vontade por recriar uma nova história, isso se dá pela sensação de desconforto existencial. Mia Couto aborda, por viés da ficção, o ser inacabado, o ser à procura de um lugar no mundo. Este estilo está presente em

seu conto “Nas águas do tempo”, no qual nos mostra um quadro sobre conflitos na interioridade do ser humano e os *fantasmas* ali descobertos.

1.2 Guimarães Rosa

Considerado grande autor da ficção brasileira, João Guimarães Rosa, através de uma renovação da linguagem e de uma capacidade de elaboração e invenção que descarta a objetividade, nos traz em sua narrativa a presença da realidade como inacabada, com seus declínios e alterações contínuos, há uma retratação da vida existencial em constantes mudanças psíquicas.

Guimarães Rosa, através da imaginação e arte, estuda o homem e sua idealização enquanto “ser” e, ao renovar a linguagem, retrata em sua obra as fragilidades e os valores da condição humana a partir de minuciosos detalhes da vida cotidiana.

Eduardo Coutinho (1991) afirma que:

Para Guimarães Rosa, *é somente renovando o idioma que se pode renovar o mundo*, e é a partir da renovação introduzida no seu próprio instrumento de trabalho – a linguagem literária – que ele efetua o questionamento dos valores dominantes na sociedade, e apresenta uma obra de natureza profundamente crítica, que pode ser colocada lado a lado aos grandes paradigmas da arte dita *realista*. (p. 14)

Assim, através de um estilo próprio, podemos dizer que Rosa se posiciona por meio de um jogo de linguagem para denunciar seu descontentamento frente aos “desconsertos do mundo”. Isto é, ao desconstruir a linguagem culta, aliando-se a uma linguagem oral e não só, o escritor põe em questão todos os preceitos instaurados pela academia e nos conduz a uma narrativa mais autônoma.

Percebemos na escrita de Guimarães Rosa uma evidência da subjetividade do homem contemporâneo, vemos um tratamento do homem que ao sair de sua zona de “desconforto”, de suas mesmices vivenciais e caminha para outro lugar fora do tempo e da história a fim de se desterritorializar para questionar sua própria vida.

Em várias obras de Rosa, vemos que o homem sempre viaja rumo ao nada, ao silêncio, a solidão, ao abandonado com o objetivo de se encontrar. Vemos um estilo que nos fala a respeito do choque, do bombardeio que causa a modernidade. Os conflitos entre tradição e modernidade partindo da diversidade cultural estão presentes no conto “A terceira margem do rio” *corpus* da nossa análise e assunto do próximo capítulo. Nesta narrativa, Rosa

nos apresenta uma *estória* demarcada pelo trânsito entre duas margens, uma representada pelo filho que narra os fatos, e a outra pelo pai, que mostra a aflição resultante da modernidade, surge então uma terceira margem encontrada na “magia”, de Rosa, ao escrever o conto questionando a condição do “ser”, através da representação literária.

No conto de Rosa, através da quietude e solidão, as várias vozes remetem um sentido de mistura de um indivíduo são e calmo, ao mesmo tempo louco, por isso confuso. Tal sentido de instabilidade está incorporado numa profunda esfera do “realizar”, sentir e descobrir, mesmo que isso proceda por um caminho impensado e desconhecido.

1.3 Mia Couto e Guimarães Rosa: Em que eles dialogam?

Enxergamos um diálogo entre os textos de Couto e Rosa enquanto literatura moçambicana e literatura brasileira, e todo este processo se dá, sobretudo, através da linguagem que serve como uma das pontes de diálogo entre essas escritas.

A possibilidade de uma mediação entre as duas literaturas se dá também pelo modo como os escritores arquitetam uma reinvenção da linguagem e propõe ao leitor narrativas carregadas de imaginário e experiências humanas.

Essa semelhança se dá, sobretudo, pelo fato dos países, Moçambique e Brasil, terem na sua história uma “herança colonial”. Todavia, as literaturas de Couto e Rosa ultrapassam a história e o tempo e retratam o homem universal atingido pela modernidade.

Especificamente em “Nas águas do tempo”, de Mia Couto e “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, o diálogo entre estes autores se dá por diversos fatores e elementos: personagem-narradora, espaço, vozes e até mesmo estilo de escrita.

Vemos a linguagem literária como outra possibilidade de diálogo entre Moçambique e Brasil, neste sentido, em entrevista já citada, Couto afirma:

O Luandino Vieira, o escritor angolano - filho de portugueses, portanto angolano branco - que descobre Guimarães Rosa, na prisão - ele esteve preso 14 anos, em Angola. No convívio com os presos, ele percebe que a lógica que ergueu o património de reinvenções rosianas já existia dentro de si. A leitura de Guimarães atuou como uma luz verde para o autorizar a recriar o português escrito em Angola. E é curioso que exista essa triangulação entre o Brasil, Moçambique e Angola. Pois é por via de Luandino que eu chego a Guimarães, é uma viagem que está fazendo de Este para Oeste depois de se ter iniciado no sentido inverso... (p. 211).

Em meio a tempos de guerra, nos anos 80, Mia Couto passou a conhecer a literatura de Guimarães Rosa através do angolano Luandino, e por entre diferentes diálogos, a literatura moçambicana se encontra com a brasileira e se entrelaçam em um diálogo rico e fértil.

Se tratando deste diálogo, a partir dos contos "Nas águas do tempo", de Mia Couto e a "Terceira Margem do rio", de Guimarães Rosa, propomos em nosso próximo capítulo como essa relação é observada a partir de formas semelhantes de escrita entre estes escritores.

II- “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”: um diálogo comparativo entre Mia Couto e Guimarães Rosa.

Iremos analisar os contos “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa e “Nas águas do tempo”, de Mia Couto e compreender como funcionam as vozes e os espaços, assim como, a posição dos narradores-personagens, a partir de uma linguagem própria dos escritores ao elaborar essas histórias, haja vista que percebemos claramente uma “brincadeira” inventiva com as palavras nessas construções.

Vemos que há um estreito diálogo na narrativa do moçambicano Mia Couto com a narrativa do brasileiro Guimarães Rosa, pois percebemos nos contos, “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”, movimentos de interioridade relacionados à concepção de vida, onde o homem caminha para “além” do rio e do tempo em busca de novas experiências.

Através de uma voz narradora que não se prende à linguagem culta, na história “Nas águas do tempo” (1994), de Mia Couto, vemos que o neto recorda o *devaneio* vivido com seu avô a partir de um “concho” sobre as correntezas das águas e, assim, propicia-nos uma ficção acompanhada de mistérios, um deles é a criatura “Namwetxo moha”. No decorrer desta viagem presenciamos um desejo do neto e avô de encontrar o fantasma e os outros que vivem na outra margem, tal conto é elaborado através do fantástico a que se resumem os sonhos e as realizações das personagens, também pela fantasia, configurada pelo elemento de insensatez, encontrado no velho, pois este deposita seus propósitos em tentar vislumbrar coisas e situações, permeadas de mitos e mistérios que fogem da naturalidade da vida cotidiana.

Em “A terceira margem do rio” (1988), de Guimarães Rosa, vemos a *estória* de um homem que foge de seu cotidiano abandonando seus deveres e sentimentos até então vividos, preferindo estar só com sua canoa sobre as águas de um rio. No decorrer da *estória* percebemos que a família reside numa casa na fazenda, portanto as vivências são retratadas a partir do meio rural e o narrador traz à memória as experiências do passado, acompanhado de marcas da oralidade: “Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente.” (pág.1)

A oralidade é uma das marcas de linguagem utilizada pelas personagens, tanto em Couto como em Rosa, que por sua vez é percebida através de alguns vocábulos e frases freqüentes no conto: “pequeno concho”, “desabandonado”, “semifulano”, “Meus ouvidos se arregalavam”, no entanto, não podemos nos esquecer que Mia Couto tal como Guimarães

Rosa utilizam de invencionices de expressões e palavras lançando mão do uso dos neologismos e acréscimos ou reduções de palavras. Noa (2006), com relação à representação das linguagens, nomeia “linguagem de intimidade”, aquela que “coloca-se no centro de uma profunda ironia dramática, tais são os desequilíbrios entre o mundo interior e o mundo exterior”, esta linguagem está presente em Couto, pois o avô age com desequilíbrio e sem medos ao desejar os encontros com as criaturas tão temidas em sua redondeza e com seres assombrosos que vivem na outra margem do rio a fim de obter uma experiência “mágica”, arriscada aos olhos de quem o rodeia, mas que para ele era de fundamental essência para a realização de seus sonhos. Veremos, portanto, que os conflitos estão relacionados com a interioridade do homem e encenam a complexidade dos seres humanos para consigo mesmos. Noa fala ainda de uma “linguagem da imaginação”, que ditam uma vida de inadaptação. Esta encontramos na escrita de Rosa em “A terceira margem do rio”, pois no decorrer da narrativa percebemos claramente que a personagem “pai” não se vê “encaixado” no mundo em que vive e se prepara para uma jornada sem limites sobre uma canoa, percebemos a possibilidade de um homem separado de sua realidade em busca de si.

No conto “Nas águas do tempo”, vemos que convicto em seus deslumbrantes propósitos, mas que não deseja viver e acompanhar sozinho, o avô tem seu neto como companheiro na jornada: “Não posso ser o último a ser visitado pelos panos” (COUTO, 1994), diz o avô, e assim se encarrega de levar o menino a vislumbrar a presença desses panos e permitir ao mesmo a mesma experiência tão fascinada.

As personagens mais marcantes em Couto são o avô e o neto e no decorrer dos acontecimentos narrados há a presença constante de ambas. Porém, percebe-se que por vezes há participação da mãe do menino: “-Mas vocês vão aonde?” (pág. 1). A mulher temia os “não propósitos” desta viagem, tal medo remete o medo da descoberta, do novo, da outra margem e os possíveis perigos que os esperavam ali. No decorrer da narrativa verificamos que essas personagens tão têm nome próprio, são apenas chamadas de “Meu avô”, “Minha mãe”, e o neto é chamado carinhosamente pelo avô de “Meu filho”.

Semelhantemente ao conto de Couto, em Guimarães Rosa as personagens não possuem nomes e são identificadas como “filho”, “nosso pai”, “nossa mãe”, “minha irmã”, “meu irmão”; Essas personagens, mãe, irmão, irmã, por sua vez, aparecem no conto com o papel fundamental de redimensionar os fatos e de chamar a atenção do leitor à cada detalhe da *estória*, envolvendo-o até o clímax e deixando-o cada vez mais próximo dos acontecimentos.

Segundo Noa no texto “Modos de fazer mundos na actual ficção moçambicana” (2006) ao se tratar da representação das personagens afirma:

é que quase todas elas oscilam entre a individualização e a socialização, facto que pode ser observado nas atitudes, nas ações que executam, nos dramas que protagonizam, nas falas que realizam e nos nomes que ostentam.(...) É este apelo insofismável do nome que guia, de forma tácita, o leitor a preencher a “forma vazia” da personagem, de certo modo, é confrontando-a, como nome determinado, com as acções que desenvolve e com a circunstância em que age. A personagem torna-se assim, como argutamente explica Phillipe Hamon (1977, p. 119), mais do que efeito da escrita, uma reconstituição do leitor. (p. 273)

Ou seja, há uma relação da ficção com a realidade em relação às ações, atitudes e sentimentos do indivíduo e o leitor pode perceber e se identificar com tais características possíveis do “real” no decorrer das narrativas de Couto e Rosa. O leitor se “reconstitui”, pois percebemos questionamentos da existência que remetem à descoberta de um novo modo de ser, em que o homem se distancia dos outros e volta-se para si mesmo, atento à reflexão sobre suas próprias confusões vivenciais.

Com isso poderíamos dizer que o fato das personagens não terem nomes nos leva a idéia de que alguém sem nome é alguém sem identidade, sem lugar concreto.

Vemos aí uma metáfora da condição do homem moderno e seu esfacelamento, um cidadão “sem nome” e fragmentado, isto é, sem completude, mas em busca de uma *outra margem*. No texto “Uma palavra de conselho e um conselho de palavras” (2005) Couto afirma que: “O que importa do ponto de vista do escritor é a capacidade que essa personagem tem de suscitar histórias e de nos revelar facetas da nossa própria humanidade” (p. 48). Assim, percebemos que o conto “Nas águas do tempo” reflete a vida do homem em seus desejos e assim nos remete a um tempo marcado por conflitos interiores, assim como no conto “A terceira margem do rio”, de Rosa.

Em Couto encontramos marcas dessa condição no *elo* entre avô e neto, pois o maior desejo do avô é o de propiciar ao neto um encontro com as criaturas dos panos brancos na margem do lago proibido e, mesmo com as proibições da mãe, que tanto temia as ameaças que eles poderiam encontrar lá, o avô insiste em regressar junto com seu neto e em um barco remam “rio abaixo” em busca de aventura e “novidade de viver”, e diz: “Neste lugar, não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.” (pág. 1)

Em Guimarães Rosa, uma condição de fraqueza é encontrada na personagem “filho”, que, ao narrar as lembranças sobre as atitudes do pai demonstra sentimentos de perda, remorso e culpa:

Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci com as bagagens da vida."

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: (...) Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. (pág. 4)

A princípio, neste conto de Guimarães, através das vozes das personagens percebemos que o pai parte no seu silêncio sem demonstrar sentimento algum pela família que abandonara:

Nosso pai não voltou. (...) Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. (págs. 1 e 2)

A insensatez deste homem nos remete a idéia de alguém que experimenta uma travessia pelo rio sem pensar no retorno para casa a fim de refletir sobre si, ou pela possibilidade de estar cansado de sua vida cotidiana, de suas obrigações como esposo e pai. Assim, se desliga das coisas materiais e da família para ir além de um rio que mal se consegue enxergar a "outra beira".

Tal insensatez ou "doideira" tal como observamos no estado do pai, que o filho não compreende, assim como toda a família que o mesmo deixara, encaminha-nos a uma estória que é desarticulada da vida existencial comum, mas que, no entanto, leva o leitor a se deparar com sentimentos de inquietação encontrados no interior da humanidade e que reflete, assim, uma experiência humana digna de reflexão por todos nós leitores.

Percebemos esta incompreensão por parte da família através da voz da esposa, também mãe e administradora do lar, emitida com muita ira e revolta: " _ Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" (pág. 1), assim como, através da voz da filha, até então narrada pelo irmão, narrador-personagem, mas neste momento a voz e a situação emitem um sentimento de tristeza e saudade, desejando a presença do Pai (mesmo sem este ter deixado explicação alguma sobre o sumiço) nos momentos mais especiais vividos pela família:

Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados. (pág. 4)

No conto ainda percebemos vozes que se calam a respeito do caso ocorrido, haja vista, que nem mesmo a esposa buscava tratar do assunto, outras, por sua vez, se posicionam para

tentar encontrar razões que justifiquem a inesperada atitude daquele pai de família dizendo que: “quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele” (pág. 2). Dessa maneira afirmavam “as vozes da notícia”, isto é, as vozes dos fazendeiros ao redor, os “passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda”, que nunca viram o homem em terra no decorrer dos dias que já haviam se passado. Assim, o que a mãe/esposa e todos os parentes esperavam é que o homem voltasse para casa ou fosse de uma vez embora para não mais voltar, considerando que o mesmo já necessitava de algo para comer. Nestas circunstâncias, o filho levava comida, mas o pai recusava de um modo em que parecia que o rio lhe supria todas as necessidades:

Viu-me, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, deposei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. (pág. 5)

Tal como no conto “A terceira margem do rio”, de Rosa, assim como em “Nas águas do tempo”, de Couto, o narrador exerce duas posições, evidentemente, a de narrar a estória, assim como a de participante da mesma, pois verificamos uma ligação do narrador com os fatos por diversas vezes e vemos que em ambos os contos há uma relação de parentesco entre narrador e personagem também, pois quem narra em Rosa é um dos filhos do homem que partira rio abaixo, rio acima, e em Couto é o neto:

(...), nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte... (pág. 1)

Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. (pág.4)

Em Rosa, a voz do narrador (filho) tem a intenção de despertar no leitor algumas impressões que o envolvem na estória do início ao fim e propõe ao mesmo uma trama com sentimentos e indecisões presentes na vida cotidiana do homem moderno, a atitude do pai apresentada como a de um louco, sem equilíbrio reflete o indivíduo perdido de si, portanto, alheio do outro.

Em “Nas águas do tempo”, o narrador neto, que é também a personagem protagonista, narra sempre em 1ª pessoa: “Meu avô”, “Viajávamos”, “regressávamos”, “Me recordo”; e, dessa maneira, através de um diálogo entre ele e seu avô, este narrador parece construir também um diálogo constante com o próprio leitor. Tal voz narrativa se impõe através de uma fantasia e a estória é contada minuciosamente citando todas as lembranças de forma em que o

proibido, o fantasma, os panos brancos e os interditos territórios, se transformem em memórias inesquecíveis, portanto as velhas palavras do avô e as experiências com ele vividas são ocorrências que o neto levaria para a sua geração: “A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando vislumbrar os brancos panos da outra margem.” (p. 04)

Dessa maneira, através da voz do narrador (o neto) que traz consigo as memórias inesquecíveis das experiências vividas com seu avô, segundo Macedo e Maquêa (2007) através da abordagem narrativa contemporânea de Couto, as memórias do passado de Moçambique vêm à tona em “Nas águas do tempo” de uma maneira poética em que não se lamenta o passado (este marcado por guerras e mortes), mas nos apresenta uma nova maneira de ser, de enxergar a vida e de reconstruir os sonhos. Com isso, vemos que as lembranças são figuradas através de uma aparente comunicação do velho com os mortos, com os do passado, os *outros* que nos visitam:

O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. (pág.3)

Os brancos panos são o objeto de comunicação entre vivos e mortos, assim observamos “Nas águas do tempo” no ato do avô em acenar os panos para os seres da outra margem, para os que os visitam na *solidão dos pântanos* como no momento em que o avô parte para o “além” acenando o pano vermelho para o neto:

Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões. (pág. 4)

Em “A terceira margem do rio”, também percebemos o lenço como intermédio de comunicação entre vivos no momento do distante encontro entre pai e filho:

Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. (pág.5)

Tanto os panos como o lenço representam as próprias vontades, as perspectivas de uma realização particular do homem ; *outra margem*, outro universo a ser entrecaberto. A

agonia e o desejo de se comunicar com o passado, mas tão presente nas vidas das personagens protagonistas, “neto” e “filho”.

O espaço onde decorre os enredos, onde são proporcionados os sonhos e as lembranças é o *Rio*, sobre as *correntezas*, e *na outra margem*. Em Couto, o avô havia oferecido o barco para o neto a fim de o levar sobre as águas e compartilhar com o mesmo novas experiências. Dessa forma, o rio pode ser visto como um espaço em que são oferecidas oportunidades para se revelar os mistérios que remetem não só a um sentido exterior de aventuras, como por exemplo, o encontro com o *fantasma*, com os *mortos que habitam no lago proibido*, enfim, visitar arriscadamente o *lugar das interditas criaturas*, mas também remetem a um sentido interior: “Eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer.” (pág. 4), afirma o neto depois de presenciar a aparição de um aceno de *pano branco* na outra margem, assim como o de *pano vermelho* de seu avô que partira para a *margem da miragem*, para um mundo mágico, para junto dos que viviam além da neblina.

Segundo Francisco Noa (2002):

Falar do espaço como lugar é ter como horizonte uma extensão delimitada, identificada, ocupada ou com possibilidade de ser ocupada. Aberto ou fechado, em termos narratológicos, e muito em particular, em termos de romance colonial, o espaço apresenta potencialidades representativas, semiológicas e generativas inesgotáveis, tanto em relação aos seres, aos objetos, aos acontecimentos e à linguagem, como em relação ao elemento físico, cultural ideológico, socioeconômico, etc. (p. 118)

Dessa forma, podemos dizer que Couto se inspira em sua terra, Moçambique, pois segundo afirma o escritor: “Eu só posso escrever o que eu escrevo porque nasci e vivi em Moçambique, não imagino que isto seja uma coisa que possa passar de outra maneira senão através das vivências profundas” (MACEDO & MAQUÊA, 2007, p. 39), e através de uma tradição, a de preservar os antepassados e suas visitas como ensina o avô ao neto em “Nas águas do tempo”, vemos que a memória e as lembranças dos que se foram, equivalem ao vivo valor cultural que passa de geração a geração, a cultura de Moçambique cheia de mestiçagens, as vivências com as raízes rurais e culturais que Couto preserva.

A respeito da simbologia do elemento água, Jean Chevalier observa que: “São Atanásio explica o sentido dessa doutrina, dizendo: O pai sendo a fonte, o filho é denominado de rio, e diz-se que nós bebemos o Espírito (Ad Serapionem, 1, 19). A água se reveste, então, de um sentido de eternidade” (CHEVALIER, 2003, p. 18), tal sentido de eternidade, por meio do símbolo água, nos é sugerido nos contos estudados, não só pelo espaço, rio, mas também pela memória do neto em Couto e do filho em Rosa. Podemos intuir que esse recurso tem a

intenção de acentuar para a necessidade de valorização dos costumes e culturas de um povo, de um país, sobretudo em Couto em que o olhar para a valorização da ancestralidade está muito freqüente nos temas de sua produção, através de uma memória inventiva. Através da relação entre o filho e o pai, em Rosa, entre o neto e o avô, em Mia Couto, observamos uma ancestralidade que está presente sempre com anúncio de uma tradição, percebe-se esta idéia principalmente em “Nas águas do tempo”, neste caso se tratando da herança ancestral presente na própria cultura da África, em que a memória tem profundidade.

Numa entrevista a Vera Maquêa (2005) Mia Couto recorda os tempos em que sua mãe lhe contava histórias e dava a “possibilidade de encantamento por via da palavra” (P. 206), o escritor afirma que através das experiências aprendeu que:

a memória, que era a história da sua própria vida, pode ser refeita sempre com sabores novos, reinventada em cada lembrança. Aprendi que a memória é realmente uma construção que essa construção vive e revive com o seu próprio retrospecto e que, por via do recontar e do seu próprio repassajar, a história ganhava mobilidade e se converte numa outra composição.

Couto não descreve a história bruta de Moçambique em seu conto, história esta marcada pela empreita castradora de Portugal no início do século XVI e pelas tantas outras divergências, uma delas a “guerra de libertação” que durou cerca de 10 anos e garantiu a “independência” do país em 1975, restituindo assim os direitos moçambicanos antes negados pela autoridade colonial, no entanto neste período de guerra Couto se inspira num modo de fazer na língua portuguesa por meio de um processo de reencantamento por via da força da palavra, e se considera “um tradutor de silêncios. Por via da poesia vou traduzindo aquilo que não está dito, aquilo que não pode ser palavra.” (MAQUÊA, 2005, p. 209). Assim, os problemas humanos, a condição do “eu”, do cidadão não terminado, a “ausência de um retrato” podem ser identificados através da criação literária de Couto, assim o espaço que tratamos em “Nas águas do tempo” não se trata apenas de um espaço físico, mas também daquele que encaminha as personagens a uma jornada psíquica:

Eu acabava de descobrir em mim um rio que nunca haveria de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando vislumbrar os brancos panos da outra margem. (COUTO, p. 4)

Por vezes, a personagem-narradora de “Nas águas do tempo”, o neto, se mostra confusa nos ideais de seu avô, mas futuramente, após viver intensamente as experiências com seu avô, se mostra decidido em seguir os mesmos ideais e sonhos e sem medo algum do desconhecido se dispõe em propor o mesmo caminho a seu filho. Na margem da miragem,

onde se *declina em sonho*, tal espaço. O rio, portanto, propõe uma construção de fantasias e novas descobertas, as quais podem ser vivenciadas sem limites.

Em Rosa, o espaço do rio nos dá a possibilidade de um lugar doador, assim como, receptor de sentidos, razão existencial e “vida”. A distância que separa o homem da civilização traz consigo o sentimento de liberdade e o modo de existir é questionado na outra margem, lugar sem medo, sem limites e o *absurdo* se torna lugar de habitação, a escuridão das noites a que a personagem pai se reveste todos os dias parece ser melhor que as obrigações diárias antes vividas:

Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão, daquele. (págs.2 e 3)

Neste conto, vemos um espaço demarcado pela fixa existência do rio com uma atenção prestada nesse espaço. A partir da decisão inalterável do homem, pai de família em habitar sobre as águas, sobretudo a solidão que aquele rio transmitia o fazia permanecer ali, sem arrependimentos, sem ao menos desejar ver seu primeiro neto. Essa trajetória de vagar sobre o rio, ao ponto de alcançar uma terceira margem, transmite ao leitor uma sensação de “magia” de existir. É um espaço móvel, “rio abaixo, rio a fora, rio a dentro”, não há um lugar firmado e estabelecido, mas sim um lugar em constantes movimentos, ora calmo, ora turbulento, são movimentos infinitamente encontrados no interior desse homem também.

Marli Fantini diz que as “trocas simbólicas” no espaço da literatura vão contribuir para a reflexão sobre “as trocas culturais envolvidas no evidente processo de transculturação” encontrada na ligação das vozes em suas obscuridades, o que nos leva a pensar na existência de culturas diversas num só território.

Em tal narrativa vemos que a estória é contada através da fantasia misturada entre loucura, tristeza e liberdade. Os tempos passam e cada um dos filhos e a esposa que o homem deixara vão tomando seu rumo menos o filho, narrador do conto, que, por sua vez, vive uma vida toda a lembrar do pai:

Minha irmã se mudou se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci com as bagagens da vida. (pág. 4)

As imagens e lembranças do pai não se apagam da memória do filho, que carrega consigo eternamente um sentimento de remorso por haver agido com covardia ao dizer que em lugar do pai continuaria a vagar dentro daquela canoa. O desejo de ter o pai em terra, de o ver voltando para casa, faz o filho agir por impulsos dizendo que se ele retornasse para a margem continuaria em sua posição na canoa, não entanto, ao ver que o pai aceitava retornar, o filho recua:

Chamei, umas quantas vezes. E falei o que me urgia jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — ‘Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas as vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!’

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordando. E eu tremi profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. (pág. 5)

O filho então, a partir dessa decisão, vive uma aflição que não se apaga: “Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento?” (idem) e deseja também estar numa canoa que o leve ao “nada”, assim como o pai. O narrador – o filho – está dizendo na verdade que ele não teve a coragem do pai, ele não faz julgamento nenhum do pai, apenas lamenta sua ausência: Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: (...) Apertava o coração (pág. 4)

Dessa maneira, ao recusar ingressar na viagem constante sobre as águas em lugar do pai, o filho tem acesso a uma terceira margem, território da palavra, onde há uma ultrapassagem da realidade para as margens da simbologia.

Enfim, a partir de um jeito próprio de Mia Couto de sentir, enxergar e imaginar as situações e os sonhos vemos em “Nas águas do tempo” uma maneira de representar a realidade de seu país, haja vista que Couto se inspira em sua terra para escrever suas narrativas, mas esta representação não se dá de forma absoluta e sim de forma criativa, como já afirmamos. Se tratando de expressão da linguagem, Rosa em “Na terceira margem do rio” aborda uma escrita acompanhada de palavras e verbos comuns como *s’embora*, *beijo* e *esconjurar*, assim como, de repetições: *e o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo; E eu estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão*. Através de uma linguagem simples que o autor cria no desenrolar do enredo é transmitido ao leitor os conflitos e todas as vivências ali encontradas, de maneira que o mesmo é elevado a um universo encantado e desconhecido, à terceira margem do rio. Tal procedimento estético, sobretudo de reflexão, tem o propósito de levantar questionamentos sobre a própria “realidade”.

A fuga, portanto, da realidade, e esta por sua vez recriada pela imaginação encontrada em ambos os contos, apresenta-nos narrativas inventadas, neste sentido percebe-se o efeito de paradoxo entre realidade e imaginação, o que só é possível pelo jogo da linguagem criado pelos autores Couto e Rosa.

Em "A terceira margem do rio", o pai retrata o ser humano moderno em suas confusões a procura do desconhecido e de si, para tanto, não há paridade. De forma semelhante se dá em "Nas águas do tempo", de Mia Couto, mas que por sua vez através de sentimentos opostos, pois o narrador-personagem se recorda do avô com um sentimento de liberdade e de boas vivências. Assim, através de um diálogo subjacente nessas duas produções literárias de língua portuguesa, enxergamos laços que estreitam ainda mais a identidade entre Brasil e Moçambique.

Considerações finais

A nossa proposta inicial, ao lermos os contos “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”, foi a de refletir e analisar uma possível relação não somente entre os contos, mas também entre seus autores, Mia Couto e Guimarães Rosa. Todavia, no decorrer das pesquisas, percebemos quão imensas são as narrativas desses autores, então o que apresentamos neste trabalho foi apenas uma breve incursão por entre esse mundo móvel da linguagem literária desses autores.

Percebemos, a partir dos contos analisados, que Mia Couto e Guimarães Rosa inventam suas próprias línguas e falam da estranheza do próprio ser humano, seja ele moçambicano ou brasileiro. E neste sentido, as linguagens utilizadas por eles dialogam entre si.

O estudo sobre os grandes autores, Mia Couto e Guimarães Rosa, nos proporcionou conhecer ainda mais a importância de suas escritas na literatura universal, o que nos fascinou ainda mais, pois ao ler suas narrativas nos identificamos como humano, como seres entreabertos e inacabados. Os conflitos aí presentes transcrevem os que nós mesmos possuímos enquanto cidadãos do mundo e nos impulsiona a buscar uma “outra margem”. A solidão, a quietude, o descontentamento, os medos, as tristezas e alegrias em “Nas águas do tempo” e em “A terceira margem do rio” encenam a verdadeira complexidade para com nós mesmos em nosso universo interior, ao mesmo tempo ao universo do outro.

Mia Couto e Guimarães Rosa criam diferentes “universos” no interior da humanidade por meio de seus textos literários e das diferenças que resultam num mesmo desejo, o de elaborar uma linguagem criativa e humana em que as vozes possam ser ouvidas nos lugares mais diversos e através de criaturas estranhas em que a solidão transmite uma linguagem que vai além de um patamar cotidiano.

Enfim, com suas individualidades e diferenças, inventando sua própria língua no interior de cada língua, Mia Couto e Guimarães Rosa dialogam através de uma escrita criativa e se prendem de desejos que reforçam o diálogo nesses dois países de língua portuguesa.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad: Sérgio P. Rouanet; prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 10ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol. "A personagem do romance", "Literatura e personagem" In: *A personagem de ficção*. São Paulo. Editora: Perspectiva, 2002.
- CASTRO, Dácio Antônio. *Primeiras estórias: roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1993.
- CHAVES, Rita & MACÊDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Alameda, 2006.
- CHEVALLIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 18 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa - Seleção de textos*. 2 ed. (Coleção Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. Lisboa, Caminho. 2003.
- COUTO, Mia. "Moçambique – 30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor?" In *Via atlântica/ Departamento de letras clássicas e vernáculas. Faculdade de filosofia. Letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. N° 3*. São Paulo: Departamento. 2005.
- COUTO, Mia. *Pensatempos – Textos de opinião*. 2ª Ed. Lisboa. Editora Caminho-nosso mundo. 2002.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: Fronteiras, Margens, Passagens* – Ateliê editorial; São Paulo: Editora SENAC. SP, 2003.
- HAMILTON, Russel. "A literatura dos Palop e a teoria Pós-colonial". In *Via atlântica/ Departamento de letras clássicas e vernáculas. Faculdade de filosofia. Letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo_ n° 3*. São Paulo: Departamento. 1999.
- LEITE, Ligia Chiappini Morais. *O foco narrativo*. 8ª edição. São Paulo. Editora ática. 1997.
- LORENZ, Günter. *Diálogo com a América Latina – panorama de uma literatura do futuro*. Trad. Rosemary C. Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo. Editora Pedagógica Universitária, 1973.
- MACÊDO, Tânia; MAQUÊA, Vera. "A narrativa contemporânea moçambicana" In *Literaturas de Língua Portuguesa _ Marcos e Marcas*. Ed. Arte e ciência. 2007.

NOA, Francisco. *Império, Mito e Miopia - Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Ed. Caminho. 2002.

Nova enciclopédia Barsa. Encyclopaedia Britannica do Brasil publicações LTDA. Rio de Janeiro __ São Paulo. Volumes 02 e 10. 1998.

ROSA, João Guimarães: "A terceira margem do rio" In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa; SILVA, Teresa Cruz. *Centro de formação jurídica e judiciária*. Maputo. 2005.

Anexos

Nas águas do tempo ¹

Mia Couto

Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho. Ele remava, devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava, onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado.

- Mas vocês vão aonde?

Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.

- Voltamos antes de um agorinha, respondia.

Nem eu sabia o que ele perseguia. Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando, ele me segurava a mão e me puxava para a margem. A maneira como me apertava era a de um cego desbengalado. No entanto, era ele quem me conduzia, um passo à frente de mim. Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.

Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava, ensonada. Antes de partir, o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha, E eu lhe imitava.

- Sempre em favor da água, nunca esqueça!

Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem.

Depois viajávamos até ao grande lago onde nosso pequeno rio desaguava. Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia, afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra. Aquelas inquietas calmarias, sobre as águas

¹ Este conto foi paginado por mim por ainda não ter em mãos a edição original.

nenufarfulhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecando no suave embalo. O avô, calado, espiava as longínquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos.

De repente, meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora. O velho, excitado, acenava. Tirava seu pano vermelho e agitava-o com decisão. A quem acenava ele? Talvez era a ninguém. Nunca, nem por pinte, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano.

- Você não vê lá, na margem? por trás do cacimbo?

Eu não via. Mas ele insistia, desabotoando os nervos.

- Não é lá. É lááá. Não vê o pano branco, a dançar-se?

Para mim havia era a completa neblina e os receáveis aléns, onde o horizonte se perde.

Meu velho, depois, perdia a miragem e se recolhia, encolhido no seu silêncio. E regressávamos, viajando sem companhia de palavra.

Em casa, minha mãe nos recebia com azedura. E muito me proibia, nos próximos futuros. Não queria que fôssemos para o lago, temia as ameaças que ali moravam. Primeiro, se zangava com o avô, desconfiando dos seus não-propósitos. Mas depois, já amolecida pela nossa chegada, ela ensaiava a brincadeira:

- Ao menos vissem o namwetxo moha! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte...

O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço. Nós éramos miúdos e saíamos, aventureiros, procurando o moha. Mas nunca nos foi visto tal monstro. Meu avô nos apoucava. Dizia ele que, ainda em juventude, se tinha entrevisto com o tal semifulano. Invenção dele, avisava minha mãe. Mas a nós, miudagens, nem nos passava desejo de duvidar.

Certa vez, no lago proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos.

Estávamos na margem onde os verdes se encançam, aflautinados. Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô. Acontece que, dessa vez, me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar pé em terra não-firme.

- Nunca! Nunca faça isso!

O ar dele era de maiores gravidades. Eu jamais assistira a um semblante tão bravio em meu velho. Desculpei-me: que estava descendo do barco mas era só um pedacito de tempo. Mas ele ripostou:

- Neste lugar não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.

Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho correu-me e me puxou. Mas a força que me sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficámos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa. De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça.

- Cumprimenta também, você!

Olhei a margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixámos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calmaria. Voltámos ao barco e respirámos os alívios gerais.

Em silêncio, dividimos o trabalho do regresso. Ao amarrar o barco, o velho me pediu:

- Não conte nada o que se passou. Nem a ninguém, ouviu?

Nessa noite, ele me explicou suas escondidas razões. Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi. No mais ou menos, ele falou assim: nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim,

esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos.

. . .
- Me entende?
. . .

Menti que sim. Na tarde seguinte, o avô me levou uma vez mais ao lago. Chegados à beira do poente ele ficou a espreitar. Mas o tempo passou em desabitual demora. O avô se inquietava, erguido na proa do barco, palma da mão apurando as vistas. Do outro lado, havia menos que ninguém. Desta vez, bem o avô não via mais que a enevoadá solidão dos pântanos. De súbito, ele interrompeu o nada:

-Fique aqui!

E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios?

Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando, em desequilíbrio com meu peso ímpar. Presenciei o velho a alonjar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso. Me recordo de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco. Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano. Enquanto ainda me duvidava foi surgindo, mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô. Fiquei indeciso, barafundado. Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando, em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões.

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gémeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando vislumbrar os brancos panos da outra margem.

A Terceira Margem do Rio ¹

Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em riço, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se

¹ Este conto foi paginado por mim por ainda não ter em mãos a edição original.

permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir, perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, deposei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrendo de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a

lança e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — "Foi pai que

um dia me ensinou a fazer assim..."; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estiavam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranqüilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro.

Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando idéia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais

se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — "Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n'água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia... Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Universidade do Estado de Mato Grosso
Instituto de linguagem
Campus universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Talissa Chaves Oliveira

“Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”: vozes e espaços tecidos através da linguagem literária.

Projeto de pesquisa para elaboração do trabalho de conclusão de curso como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura Plena em Letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda-Unemat.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marinei Almeida.

Pontes e Lacerda-MT

2009/1

Tema/Título: “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”: vozes e espaços tecidos através da linguagem literária.

A proposta deste trabalho é a de analisar os contos “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa e “Nas águas do tempo”, de Mia Couto e compreender como funcionam as vozes e os espaços a partir da maneira como estes escritores “inventam as palavras” e elaboram os contos.

O conto “A terceira margem do rio” descreve a história de um homem que foge de seu cotidiano abandonando seus deveres e sentimentos até então vividos e prefere estar só com sua canoa sobre as águas de um rio. O homem parte no seu silêncio sem demonstrar sentimento algum pela família que abandonara.

Já o conto “Nas águas do tempo” narra sobre um avô e seu neto que juntos em um barco remam “rio abaixo” em busca de aventura e “novidade de viver”, assim como, um encontro com as divindades. A partir das falas do avô dirigidas ao neto, o conto é desenvolvido acompanhado de grandes mistérios, um deles é a criatura “Namwetxo moha” e no decorrer desta viagem a procura do fantasma, essa ficção de Couto é elaborada através do fantástico a que se resumem os sonhos e as realizações das personagens.

Objetivos gerais:

Analisar o procedimento estético dos autores Mia Couto e Guimarães Rosa nos contos “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio” e abordar criticamente como as vozes narradoras se impõem no desenrolar das narrativas, bem como, analisar os espaços onde decorrem as histórias com o objetivo de apontar a forma como os escritores penetram no tecido da linguagem e desenvolvem tais narrativas em que o narrador traz à memória as experiências do passado acompanhado de marcas da oralidade, haja vista que tanto “Nas águas do tempo” como “A terceira margem do rio” retratam vivências do meio rural.

Objetivos específicos:

- Analisar o foco narrativo e os espaços dos contos “Nas águas do tempo”, de Mia Couto e “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa.
- Discutir sobre o procedimento estético dos autores a partir de uma tradição oral.
- Apontar como as vozes se impõem nas narrativas aqui escolhidas como *corpus*.

Justificativa:

A literatura é capaz de propor uma “realidade” diferente da qual estamos acostumados a enxergar. Ela pode tirar o sujeito de um lugar marcado e firmá-lo em outro lugar, muitas vezes, desconhecido.

Vemos que há um estreito relacionamento na narrativa de Mia Couto com a narrativa de Guimarães Rosa, pois se percebe em ambos os contos, “Nas águas do tempo” e “A terceira margem do rio”, movimentos da interioridade relacionados à concepção de vida, onde o homem caminha para “além” do rio e do tempo em busca de novas experiências.

Rosa recria a linguagem e eleva o leitor a um universo desconhecido e encantado e proporciona ao mesmo uma leitura prazerosa de uma literatura que atravessa os tempos.

Couto, por sua vez, traduz os desejos da humanidade de seu tempo e a partir de elementos da oralidade utiliza um procedimento narrativo que deixa sugerido a realidade de Moçambique, mas também descreve o homem contemporâneo, com o qual nós brasileiros, nos identificamos. E assim, nos fala de um tempo marcado por conflitos interiores.

Enfim, através das demais pesquisas e estudos a serem realizados, propomos um trabalho voltado à análise dos contos acima citados e, a partir dos procedimentos histórico cultural, narrativo e estético, discorrer sobre o diálogo subjacente nessas duas produções literárias de língua portuguesa, o que vem estreitar ainda mais os laços de identidade entre Brasil e Moçambique.

Hipóteses:

Nos contos de Couto e Rosa prevalece um procedimento estético que tem o propósito de levantar questionamentos sobre a realidade através da fantasia e do imaginário. A tradição oral está presente nas falas dos narradores, em “Nas águas do tempo” o neto e no conto “A

terceira margem do rio", o filho. As vozes recordam as lembranças e os espaços proporcionam sonhos, sugeridos, através das metáforas: "Barco" e "Canoa"; "Rio" e "Margem".

Dessa maneira, considerando as marcas de oralidade, levantamos a hipótese de que os contos "Nas águas do tempo" e "A terceira margem do rio" se entrelaçam a partir de um espaço, o rio, através da fantasia configurada pelo elemento "loucura", também do sentimento de medo, permeados de mitos e mistérios, assim como, através do modo pelo qual o narrador se posiciona ao contar a *estória*, sendo o narrador também a principal personagem em ambos os contos.

Marco teórico:

Para a análise das personagens utilizaremos a obra "A personagem do romance" (1995) de Antonio Candido, por entendermos que existem três elementos centrais de um desenvolvimento literário: *o enredo, a personagem e as idéias*, que juntos formam um conjunto elaborado pela técnica, por isso são elementos que não se separam nos romances bem realizados.

Utilizaremos também o texto "o narrador considerações sobre a obra de Nikolai Leskov", encontrado na obra *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* de Walter Benjamin, para abordar sobre a posição dos narradores nos contos "Nas águas do tempo" e "A terceira margem do rio".

Nos apoiaremos nas críticas de Mia Couto encontradas em "Pensatempos" (2005) para melhor nos conduzir na análise do conto "Nas águas do tempo" do mesmo autor.

Teremos como apoio também a obra "História Concisa da literatura brasileira", de Alfredo Bosi, para discutirmos e localizarmos o contexto em que é inserido Guimarães Rosa e sua obra.

Enfim, no decorrer de nossas pesquisas, demais apoios teóricos e literários envolverão este trabalho analítico e serão devidamente acrescentados quando forem necessários.

Cronograma:

	Março	Abril	Maió	Junho	Julho
Entrega do projeto			14		
Levantamento e leitura de apoios teóricos	*				
Entrega da carta de aceite			14		
Leitura dos textos e orientações		*			
Entrega da 1ª versão				11	
Seminário de Monografia				04 a 07	
Reunião com o orientador	*	*	*	*	
Devolução da 1ª versão				18	
Entrega da versão definitiva da monografia				25	
Defesa				29 a 30	01

Levantamento Bibliográfico:

BENJAMIN, Walter. "O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad: Sérgio P. Rouanet; prefácio: Jeanne M. Gaghebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Alfredo. "Dialética da colonização." 4ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. "A educação pela noite e outros ensaios." 10ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol. "A personagem do romance", "Literatura e personagem" In *A personagem de ficção*. São Paulo. Editora: Perspectiva, 2002.

COUTINHO, Eduardo F. (Org.). *Guimarães Rosa - Seleção de textos*. 2 ed. (Coleção Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. Lisboa, Caminho. 2003.

COUTO, Mia "Moçambique – 30 anos de independência: no passado, o futuro era melhor?" In *Via atlântica/ Departamento de letras clássicas e vernáculas. Faculdade de filosofia. Letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo. Nº 3. São Paulo: Departamento. 2005.*

COUTO, Mia "Pensatempos – Textos de opinião". 2ª Ed. Lisboa. Editora Caminho-nosso mundo. 2002.

FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: Fronteiras, Margens, Passagens* – Ateliê editorial; São Paulo: Editora SENAC. SP, 2003.

HAMILTON, Russel. "A literatura dos Palop e a teoria Pós-colonial" in *Via atlântica/ Departamento de letras clássicas e vernáculas. Faculdade de filosofia. Letras e ciências humanas. Universidade de São Paulo _ nº 3. São Paulo: Departamento. 1999.*

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. "O foco narrativo". 8ª edição. São Paulo. Editora ática. 1997.

MACÊDO, Tânia; MAQUÊA, Vera. "A narrativa contemporânea moçambicana" in *Literaturas de Língua Portuguesa _ Marcos e Marcas*. Ed. Arte e ciência. 2007.

NOA, Francisco. "Império, Mito e Miopia - Moçambique como invenção literária". Lisboa: Ed. Caminho. 2002.

Nova enciclopédia Barsa. Encyclopaedia Britannica do Brasil publicações LTDA. Rio de Janeiro __ São Paulo. Volume 10. 1998.

ROSA, João Guimarães: "A terceira margem do rio" In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa; SILVA, Teresa Cruz. *Centro de formação jurídica e judiciária*. Maputo. 2005.